

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

HISTÓRIA

O PAPEL DO ESTADO, DO CAPITAL PRIVADO E DE SUAS INSTITUIÇÕES NA FORMAÇÃO DO SUBÚRBIO CARIOCA

¹ Vinicius Giglio Uzêda (bolsista – IC/UNIRIO); ² Joaquim Justino Moura dos Santos (Escola de História; UNIRIO). IC/UNIRIO

Palavras-chave: Reformas Urbanas; Formação do Subúrbio; Subúrbio; Capitalismo.

INTRODUÇÃO

O Rio de Janeiro, na virada do século XIX para o século XX estava coletivamente comandado por um ideário de modernização urbana, inspirada no modelo europeu, em particular a ocorrida em Paris havia só algumas décadas. Por aqui, o capitalismo chegava com força total à cidade. Entretanto a organização urbana precária atravancava o avanço da economia. Uma intensa reforma urbana era arquitetada por Pereira Passos e Rodrigues Alves – inspirados no modelo parisiense de Haussmann – que legitimou-se através dos próprios instrumentos burocráticos e políticos do Estado, cujo uso era o braço dos governantes e seus representados. Mas de que modo os ideais dominantes, orientados pela preocupação com a acumulação de capitais – por seus defensores que se associavam ao Estado –, influíram no decorrer do processo de reurbanização da cidade, e, por conseguinte, na formação do subúrbio carioca?

Aqui, as classes dominantes ligadas ao capital privado atuaram como personagens bem representadas pelo Estado. Pereira Passos fora importante membro e participante passivo do Clube de Engenharia e coordenou a execução do processo de reurbanização do Rio de Janeiro sob as ordens de Rodrigues Alves, que já vinha sendo elaborado desde meados dos anos 1870, mas definido de forma consolidada perto do fim do XIX. A construção, difusão e legitimação dessa justificativa que assegurou de vez o processo de reforma urbana contou com um papel proeminente dos médicos e engenheiros. Os primeiros justificaram através da saúde a necessidade da reforma. Os engenheiros, por sua vez, aproveitaram-se do discurso médico para elaborar seu discurso com o mesmo fundamento – o da reforma como essencial – só que com o diferencial de ser o grupo que de fato executava a reforma. Portanto, dentro da profusão de discursos elaborados nessas circunstâncias sobre o período reformista, escolhi como principal fonte os discursos dos engenheiros, provenientes essencialmente dos anuários do Club de Engenharia. Era através da afirmação da precariedade e o risco de segurança pública que envolviam as construções e tipos de habitações populares do centro da cidade que praticamente as classes populares das áreas mais centrais foram sendo banidas desse espaço e cada vez mais valorizado e removida para um outro, o subúrbio.

A reforma efetivamente acontece, e um contingente massivo de operários e uma diversidade de outras categorias de trabalhadores acrescida dos pobres urbanos – nacionais, imigrantes e negros –, foram compulsoriamente expulsos do centro da cidade em direção às favelas que já estavam em processo de formação – ignorada aos olhos do Estado por uma impossibilidade econômica, até mesmo um desinteresse, de investimento em construção massiva de habitações populares. Entretanto, a maior parcela desses trabalhadores e seus familiares – por uma série de motivações e pressões dos poderes públicos e do capital, que, regulado e orientado por estes últimos, tomava a cidade – acabou sendo direcionada para o subúrbio carioca, cujo em razão disso e de outros fatores, nascia, como uma área residencial ocupada em grande parte por esse proletariado. É esse fenômeno que a pesquisa busca entender.

OBJETIVO

A pesquisa tem por objetivo uma análise dos discursos dos cidadãos fluminenses membros do Club de Engenharia, uma instituição fundada em 1880 e que passou a propagar seus ideários através de anuários produzidos a partir de 1887. A análise tem como fim identificar se os mesmos, em seus discursos, auxiliavam direta ou indiretamente e voluntária ou involuntariamente aos poderes públicos na construção de uma ideologia higienizadora, própria das reformas urbanas que o Estado promovia na capital do país, perpassando desde o período anterior, até o final da prefeitura de Pereira Passos e a presidência de Rodrigues Alves.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada inicialmente pauta-se na análise de estudos referentes ao discurso, dentro das óticas de Michel Foucault e Mikhail Bakhtin, abordando de forma mais sistemática e conceitual o próprio discurso em si. Em primeiro plano, Foucault criticando a própria legitimidade do discurso e revelando que essa legitimidade não é dada naturalmente. Em seguida com leituras de Bakhtin, voltado para a análise da linguagem que segundo ele constitui um gênero discursivo e um enunciado, indissolúveis de um estilo individual. Foi aprofundado num segundo momento, um debate sobre análise do discurso nos anos sessenta, bem como utilizar orientações oriundas de Umberto Eco e Roland Barthes. O diálogo entre os aportes teóricos é constante, entretanto, a linha de pensamento do Michel Foucault tem me sido mais fértil para analisar as fontes com as quais estou trabalhando, pois busca não somente a legitimidade do discurso, mas na medida do possível, os localiza dentro de um espaço e um tempo. No atual estágio da pesquisa, estou preterindo as abordagens de Bakhtin, Umberto Eco e Roland Barthes, embora não pretenda abandoná-los por completo.

RESULTADOS

No presente momento, é possível constatar alguns dados após um período de pesquisa. Em primeiro lugar, é necessário especificar porque dentro dos discursos disponíveis sobre as reformas urbanas foi escolhida a seção do Club de Engenharia¹. Acredito que o próprio processo de remodelar a cidade, ou seja, de desconstruir o “antigo” fazendo o “novo” passar por cima, é diretamente legitimado pelos que estão legitimamente aptos a fornecer um parecer legal e socialmente aceito, através

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

dos olhos da população e do Estado, ou seja, os engenheiros. Foram coletados setenta e três periódicos do Club de Engenharia e analisados quantitativamente até agora, apresentando resultados parciais que desvelaram novos caminhos a serem trilhados. É possível perceber um crescimento exponencial dos membros do Club de Engenharia do Rio de Janeiro no início do século XX e isso já nos diz algo. A demanda por profissionais que produzissem justificativas e estudos sobre as construções no Rio de Janeiro aumentou muito no período reformista. Isso é fundamental, porque demonstra o esforço do Estado para fazer crescer o número de legitimações para as reformas que eram legais, apesar de desumanas. Os números falam.

Até 1886 a contagem oficial de membros era de 397 divididos em oito titulações diferentes que diziam respeito à especialização do membro dentro da área de engenharia. Em apenas seis meses, o número cresceu em mais 130 membros, mantendo a mesma titulação por especialização. A próxima relação de membros seria exposta somente em janeiro de 1895. Os números são ainda maiores, embora aqui se apresente outra distinção, que agora não é somente pela especialização, mas pela titulação do membro dentro do clube, passando a ter um total de 766 membros. A próxima relação seria somente em 1912, relativa aos membros admitidos no período entre 1910 e 1912. Foram admitidos mais 171 membros, totalizando 932. Em 1912 é feito um levantamento geral de todos os sócios do Club de Engenharia até a presente data com os números que foram aqui expostos e no ano seguinte, na última relação disponível, observamos a admissão de mais 71 membros. É até aqui que nos interessa verificar o contingente de membros do Club de Engenharia, pois dá conta do período da reforma urbanista.

Do ponto de vista institucional é possível observar também que o Club de Engenharia tem sua lógica de ordenamento análoga ao Estado de uma República Democrática capitalista: hierarquizado. Dentro do clube há distinções de posicionamento e titulação entre os membros, partindo de critérios ainda não perfeitamente claros, numa lógica não exposta explicitamente, que será investigada também num outro momento desta pesquisa.

A titulação era inicialmente dividida pela especialização do sócio do clube, havendo sócios sem especializações, englobados na categoria “engenheiros”. Foram expostas outras categorias, das quais a de maior destaque é a de Higienista. Em 1895, surgiu uma organização hierárquica dentro do clube, a qual não sabe-se ainda como se instituiu e nem qual era sua lógica interior. Outro fator que esta organização a partir da distinção nos apresenta é a crescente especialização do trabalho, outra demanda notoriamente capitalista. É possível observar nas relações de membros dos anuários que o número de funções especializadas aumentou, bem como o número de membros de determinada função. O crescimento do número de especializações também deverá ser verificado e exposto futuramente, pois apresentou crescimento ao longo do tempo, bem como qual função especializada teve maior crescimento dentro do clube também.

No que tange aos discursos encontrados nos anuários clube, percebe-se que há uma repetição, ou revezamento, nos nomes de engenheiros que emitem discursos e pareceres. Há algumas problematizações que precisam ser levantadas de imediato, ainda sem resposta: Qual é a lógica por trás da seleção destes personagens para emitirem discursos e pareceres em nome do Club de Engenharia? De que lugar falam estes agentes e para quem falam? Qual é o alcance destes discursos e seu impacto social? As distinções explícitas entre os sócios do clube podem também estar relacionadas à especialização escolhida pelos membros ou é somente por conta de seu lugar social? Quem eram os engenheiros que mais discursavam nos periódicos e onde se localizavam dentro do clube?

É preciso tomar cuidado com conclusões óbvias. Por exemplo, é sabido que dentro da hierarquização do clube, sobressaíam alguns nomes que estavam nos lugares mais altos em detrimento dos que estavam nos lugares mais baixos. Mas não podemos afirmar categoricamente que apenas os nomes que sobressaíam eram os do topo da hierarquia, pelo simples fato de que um dos membros mais honorários do Club de Engenharia e prefeito da cidade, Pereira Passos, nunca formulou algum discurso ou parecer, nem nota comemorativa ou menção honrosa, em todos os anos de periódicos do clube.

Com efeito, a partir destes resultados o próximo passo da pesquisa será partir para uma análise individual dos discursos selecionados segundo critério de relevância e impacto social, para determinar até que ponto o Club de Engenharia do Rio de Janeiro estava envolvido na promoção social e legal das reformas urbanas. É através dessa análise do discurso, que buscarei entender um dos pilares fundamentais da voz pública que justificava as reformas urbanas, o panorama mais amplo do objetivo da pesquisa.

¹ Disponíveis no site da Biblioteca Nacional, constando na bibliografia.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail; Estética da Criação Verbal. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

FOUCAULT, Michel; A Ordem do Discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo, Edições Loyola, 2012.

SANTOS, Joaquim Justino Moura dos; De freguesias rurais a subúrbio: Inhaúma e Irajá no município do Rio de Janeiro. Tese de doutorado em História Social, USP, 1996.

THOMPSON, E. P.; A Miséria da Teoria; Zahar Editoras S.A, Rio de Janeiro, 1981.

Fontes Primárias:

Revista do Club de Engenharia, edições dos anos de 1887 a 1935. Disponíveis no acervo virtual da Biblioteca Nacional: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per8036/per8036.htm Acessado ao longo do segundo semestre da pesquisa.